



**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

**AS CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
E A COMPETÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO
HUMANO 2**



**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

**AS CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
E A COMPETÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO
HUMANO 2**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-37-9
 DOI 10.22533/at.ed.379200903

1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book as “*Ciências Sociais Aplicadas e a Competência do Desenvolvimento Humano*” através de 2 volumes em que estão dispostos 51 artigos.

No primeiro volume estão disponíveis 29 artigos divididos em duas seções. A primeira seção ***Estado e Políticas Públicas*** apresenta artigos com temas relacionados às funções e formas de atuação do Estado diante das previsões legais e demandas voltadas para o atendimento a situações de vulnerabilidade e risco sociais expressas através dos conflitos e desigualdades que permeiam a sociedade contemporânea, o que vem sendo materializado através das diversas políticas públicas implementadas.

São contemplados também no primeiro volume através da seção ***Desenvolvimento Local Sustentável*** a relação com a política agroambiental, agricultura familiar, questões de gênero e aspectos culturais.

O segundo volume do e-book contempla 22 artigos organizados através de três seções, sendo: ***Política Econômica e Gestão Financeira***, em que são apresentados estudos principalmente relacionados a questão contábil e gestão financeira em âmbito familiar, no entanto, não deixa de apontar a relação com a política econômica, o que é tratado de forma mais ampliada através do primeiro artigo da seção voltado para o estudo do pagamento da dívida externa brasileira entre o deficit e o superavit.

Os artigos que se relacionam com a ***Cultura Organizacional*** contemplam estudos voltados para a compreensão e análise das características do mercado brasileiro, desafios e potencialidades expressas através da presença da inovação tecnológica, desenvolvimento de competências gerenciais, processos de comunicação e capital intelectual.

O e-book é encerrado com a seção ***Ensino e Pesquisa***, em que são apresentados oito artigos que abordam metodologias de pesquisa e de ensino e o uso de métodos e referenciais teóricos que contribuem para os processos de formação e desenvolvimento da ciência no Brasil.

Boa leitura a todos!

Dra. Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

POLÍTICA ECONÔMICA E GESTÃO FINANCEIRA

CAPÍTULO 1 1

A CONTA DE TRANSAÇÕES CORRENTES DO BALANÇO DE PAGAMENTOS DO BRASIL (1995-2014): ENTRE *DEFICIT E SUPERAVIT*

André de Souza do Nascimento

João Paulo Lacerda Gonçalves de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3792009031

CAPÍTULO 2 15

A CONTABILIDADE ENQUANTO UMA INSTITUIÇÃO MODERNA: REFLEXÕES E APONTAMENTOS SOBRE SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Rosaly Machado

Fabio Vizeu Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.3792009032

CAPÍTULO 3 39

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS

Ani Caroline Grigion Potrich

Kelmara Mendes Vieira

Samia Mercado Alvarenga

DOI 10.22533/at.ed.3792009033

CAPÍTULO 4 59

DESCONTROLE FINANCEIRO FAMILIAR NA SEDE DO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE-RR

Antonia Honorata da Silva

Maria Graciete Sousa Farias

Maria Conceição Vieira Sampaio

Marilene Kreutz de Oliveira

Hevelyn Thais Luiz Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3792009034

CULTURA ORGANIZACIONAL

CAPÍTULO 5 68

CULTURA ORGANIZACIONAL COMO ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: ESTUDOS COMPARATIVOS EMPRESARIAIS

Eliane Regina Rodrigues Message

DOI 10.22533/at.ed.3792009035

CAPÍTULO 6 87

DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS PARA SUPERAÇÃO DOS DESAFIOS DO SÉCULO 21

Francisco Ariclene Oliveira

Guilherme Irffi

Luciano Lima Correia

Liu Man Ying

Ana Cristina Lindsay

Márcia Maria Tavares Machado
DOI 10.22533/at.ed.3792009036

CAPÍTULO 7 100

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS GERENCIAIS: UMA PROPOSTA BASEADA NA APRENDIZAGEM VIVENCIAL NO ESCOPO DA GESTÃO POR COMPETÊNCIAS EM IFES

Michelle de Andrade Souza Diniz Salles
Beatriz Quiroz Villardi

DOI 10.22533/at.ed.3792009037

CAPÍTULO 8 124

DETERMINANTES DO P/B DAS EMPRESAS LISTADAS NA B3

Amauri de Oliveira Barros
Ricardo Goulart Serra

DOI 10.22533/at.ed.3792009038

CAPÍTULO 9 142

O IMPACTO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA NO ÂMBITO SOCIAL DO COLABORADOR

Ingridy Jully Jesus
Michel Faleiro Araújo
Heloísa Landim Gomes
Cristiane Francisco Brasil
Pedro Henrique Gonçalves Mendes
André Luiz Marques Gomes

DOI 10.22533/at.ed.3792009039

CAPÍTULO 10 155

EFEITO MANADA OU EFEITO HETEROGENEIDADE? EVIDÊNCIAS PARA O MERCADO BRASILEIRO

Vinicius Mothé Maia
Antonio Carlos Figueiredo Pinto
Marcelo Cabús Klotzle
Paulo Vitor Jordão da Gama Silva

DOI 10.22533/at.ed.37920090310

CAPÍTULO 11 177

PROCESSO DECISÓRIO ESTRATÉGICO: PROPOSTA DE DIMENSÕES DE ANÁLISE

Claudinete de Fátima Silva Oliveira Santos
Carla Regina Pasa Gómez
Sílvio Luiz de Paula

DOI 10.22533/at.ed.37920090311

CAPÍTULO 12 193

A GESTÃO INTERNACIONAL DA TERCEIRA LINGUAGEM, SUAS APLICAÇÕES E IMPLICAÇÕES: UM DIAGNÓSTICO DA COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA TRANSCULTURAL DAS EMPRESAS BRASILEIRAS INTERNACIONALIZADAS

Renato Rodrigues Martins

DOI 10.22533/at.ed.37920090312

CAPÍTULO 13 204

GESTÃO DO CAPITAL INTELECTUAL

Adelcio Machado dos Santos
Alexandre Carvalho Acosta

CAPÍTULO 14 218

ÍNDICE DE QUALIDADE DE AUDITORIA: TEMPO DE RELACIONAMENTO AUDITOR-CLIENTE, QUALIDADE DA INFORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA FIRMA DE AUDITORIA

[Naiara Leite dos Santos Sant'Ana](#)

[Antônio Artur de Souza](#)

[Paulo Celso Pires Sant' Ana](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090314

ENSINO E PESQUISA

CAPÍTULO 15 239

A PRESENÇA DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE 2006 A 2016

[Ronier Renato Funez](#)

[Clovis Schmitt Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090315

CAPÍTULO 16 250

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE ESCALA DE ATITUDES EM RELAÇÃO AO COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: ESTUDO COM PROFESSORES PESQUISADORES

[Elisabeth Aparecida Corrêa Menezes](#)

[Julio Eduardo da Silva Menezes](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090316

CAPÍTULO 17 271

O PERFIL DOS USUÁRIOS DA BIBLIOTECA DO SENAI CHAPECÓ A PARTIR DO MAPA DE EMPATIA

[Karine Spadotto](#)

[Jéssica Bedin](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090317

CAPÍTULO 18 290

E-QUIPU: UMA PROPOSTA DE PROMOÇÃO DA INOVAÇÃO DA UNIVERSIDADE

[Eduardo Ismodes-Cascón](#)

[Jesús Carpio-Ojeda](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090318

CAPÍTULO 19 304

FATORES DE DECISÃO DE CARREIRA DURANTE A GRADUAÇÃO

[Edna Torres de Araújo](#)

[Marcia Athayde Moreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090319

CAPÍTULO 20 323

DESENVOLVIMENTO E CONSTRUÇÃO DE ESCALAS DE MENSURAÇÃO NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO

[Eric David Cohen](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090320

CAPÍTULO 21	346
PERSPECTIVA NEURO-IS: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA ADOÇÃO DE NEUROCIÊNCIAS EM ESTUDOS DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2010 A 2016	
Mauri Leodir Löbler	
Rafaela Dutra Tagliapietra	
Eliete dos Reis Lehnhart	
Carolina Schneider Bender	
DOI 10.22533/at.ed.37920090321	
CAPÍTULO 22	359
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM OLHAR PARA OS CURSOS DE PEDAGOGIA DE MATO GROSSO DO SUL	
Jakellinny Gonçalves de Souza Rizzo	
Eugenia Portela de Siqueira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.37920090322	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	370
ÍNDICE REMISSIVO	371

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE ESCALA DE ATITUDES EM RELAÇÃO AO COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: ESTUDO COM PROFESSORES PESQUISADORES

Data de aceite: 20/02/2020

Data de submissão: 05/01/2020

Elisabeth Aparecida Corrêa Menezes

Universidade Federal do Tocantins, Coordenação de Administração Palmas- Tocantins
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4162212Y9>

Julio Eduardo da Silva Menezes

Universidade Federal do Tocantins Coordenação de Administração Palmas- Tocantins
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4734947D3>

RESUMO: Este artigo descreve resultados de um estudo que teve por objetivo construir e validar Escala de Atitudes em Relação ao Compartilhamento do Conhecimento no Ambiente Acadêmico (EACC-ACAD). O referencial teórico trata dos temas compartilhamento do conhecimento e atitudes. A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quantitativa. Para desenvolver os itens do referido instrumento, utilizou-se uma pesquisa prévia de natureza qualitativa, especificamente, entrevista em profundidade. O instrumento foi respondido por 409 professores doutores pesquisadores

brasileiros. Para verificar a validação do instrumento foram utilizadas análises fatoriais exploratória e confirmatória, o modelo foi testado com o uso da técnica de modelagem de equações estruturais. Os resultados demonstraram a existência de dois Fatores com variância total explicada (VTE) de 55,11%, validade de construto e validade discriminante. Dessa forma, Os resultados forneceram evidências de ser a EACC-ACAD uma medida bifatorial, com dois fatores consistentes e precisos, podendo ser utilizada como instrumento de pesquisa. Os resultados apresentaram uma atitude negativa com relação ao compartilhamento do conhecimento durante a geração e outra, parcialmente negativa, uma vez que depende da condição confiança. Esses resultados apontam para a necessidade de reavaliação dos critérios de incentivo à pesquisa e ao compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento. Compartilhamento do conhecimento. Atitudes.

ATTITUDE SCALE CONSTRUCTION AND
VALIDATION IN RELATION TO KNOWLEDGE
SHARING: STUDY WITH RESEARCH

ABSTRACT: This article describes the results of a study that aimed to construct and validate the Attitude Scale for Knowledge Sharing in the Academic Environment (EACC-ACAD). The theoretical framework deals with the themes knowledge sharing and attitudes. This research is characterized as descriptive, with quantitative approach. To develop the items of the referred instrument, it was used a previous research of qualitative nature, specifically, in-depth interview. The instrument was answered by 409 Brazilian PhD professors. To verify the validation of the instrument, exploratory and confirmatory factor analyzes were used, the model was tested using the structural equation modeling technique. The results demonstrated the existence of two Factors with total explained variance (VTE) of 55.11%, construct validity and discriminant validity. Thus, the results provided evidence that EACC-ACAD is a two-factor measure, with two consistent and accurate factors, and can be used as a research instrument. The results showed a negative attitude towards knowledge sharing during the generation and another, partially negative, since it depends on the trust condition. These results point to the need for reevaluation of research incentive criteria and knowledge sharing in the academic environment.

KEYWORDS: Knowledge. Knowledge Sharing. Attitudes

1 | INTRODUÇÃO

Conhecimento é força motriz na evolução das sociedades e o ser humano tem se mostrado cada vez mais ávido na sua busca numa economia global que o valoriza. Conhecimento é “pessoal” e tem como função “orientar a ação” (TSOUKAS, 2000; ALAVI; LEIDNER, 2001; TSOUKAS; VLADIMIROU, 2001; PROBST; RAUB; ROMHARDT, 2002; NONAKA; KROGH; VOELPEL, 2006; CHEN; CHEN, 2006; MARQUES; POPADIUK; CARVALHO; NEDER, 2015). Apesar de pessoal, é gerado a partir da experiência que pressupõe a existência do outro, podendo ser entendido como decorrente de um processo social (TYWONIAK, 2007). Desta forma, o compartilhamento do conhecimento é essencial para que ocorra a validação intersubjetiva.

A maioria dos estudos que tratam do compartilhamento do conhecimento é voltada ao contexto da organização empresarial, cujo compartilhamento reflete em produtos e serviços dessas organizações. No entanto, outros tipos de organizações cujo lucro não seja referência dependem do compartilhamento do conhecimento para sua própria sobrevivência, como é o caso das organizações universitárias. As universidades existem para servir à sociedade e contribuir para o seu desenvolvimento. Para tanto, sua função básica tem sido produzir conhecimento científico e tecnológico, em que a matéria-prima é o próprio conhecimento. De acordo com Evans (2010),

pesquisadores e cientistas repartem ideias e resultados de forma seletiva, mesmo quando publicam resultados concluídos. Dada a importância do compartilhamento do conhecimento para geração da pesquisa e para o desenvolvimento da sociedade, esta pesquisa volta-se ao tema do compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico.

Vários autores dedicam-se a estudar o compartilhamento do conhecimento, propondo diferentes modelos explicativos. Os modelos encontrados na literatura utilizam fatores relativos tanto ao ambiente quanto ao indivíduo, foco desta pesquisa. Em relação ao indivíduo, Ipe (2003) utiliza fatores motivacionais; Cho, Zheng e Su (2007) consideram traços de personalidade, habilidade e motivação; Huang, Davison e Gu (2008) têm como foco atitudes em relação ao compartilhamento do conhecimento e norma subjetiva e Lin (2007) trabalha com motivação e atitudes e utiliza em seus estudos um modelo de comportamento intitulado Teoria da Ação Racional. As atitudes têm sido o foco principal de atenção para explicar comportamento humano (AJZEN, 1988).

Diferentes modelos de atitudes foram criados para predizerem o comportamento humano, por exemplo: Teoria da Ação Racional - TAR, Teoria do Comportamento Planejado- TCP e Teoria da Autorregulação. Nessa última, foi desenvolvido o Modelo do Comportamento Orientado por Meta (MGB) de Perugini e Bagozzi (2001). Dada a importância do compartilhamento do conhecimento no âmbito acadêmico e considerando que nos modelos propostos na literatura “atitudes” é uma das variáveis considerada como forte preditora do comportamento humano, esse estudo se propôs a construir e validar uma Escala de Atitudes em Relação ao Compartilhamento do Conhecimento no Ambiente Acadêmico.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Conhecimento e compartilhamento do conhecimento

Antes de se falar de compartilhamento do conhecimento é importante sintetizar a essência da literatura sobre o tema conhecimento. Em revisão profunda e abrangente da literatura observou-se que conhecimento é um tema pouco explorado e que a maioria dos estudos tem como foco a gestão do conhecimento organizacional. Vários autores falam da complexidade em conceituar conhecimento, apesar de o conhecimento ser tratado como algo que pode levar a bons resultados organizacionais, autores reconhecem ser difícil defini-lo (TSOUKAS, 2000; ALVESSON, 2001; TSOUKAS; VLADIMIROU, 2001; ALAVI; LEIDNER, 2001; ALVESSON; KÄRREMAN; SWAN, 2002; HUNG, LIEN, FANG E MCLEAN, 2010).

A partir dessa revisão foi possível identificar características do conhecimento

predominantes nos conceitos apresentados, com isso observou-se que o conhecimento tem como conteúdo substantivo o “processo cognitivo” (ALAVI; LEIDNER, 2001; TYWONIAK, 2007). Ele é pessoal, ou seja, seu *locus* é o indivíduo (POLANYI, 1983; TSOUKAS, 2000; ALAVI; LEIDNER, 2001; TSOUKAS; VLADIMIROU, 2001; PROBST; RAUB; ROMHARDT, 2002; NONAKA; KROGH; VOELPEL, 2006; CHEN; CHEN, 2006; MARQUES; POPADIUK; CARVALHO; NEDER, 2015). Em relação a sua natureza, essa é dinâmica e evolutiva (DAVENPORT; PRUSAK, 1998; KROGH; ICHIJO; NONAKA; KROGH; VOELPEL, 2006; SVEIBY, 2007; TYWONIAK, 2007), pois é passível de mudança e de evolução, também é de natureza subjetiva (POLANYI, 1983; SVEIBY, 2007), uma vez que “nós sabemos mais do que podemos verbalizar” (POLANYI, 1983, p. 4). Ele tem como função avaliar e incorporar novas experiências e informações (SINGH; SOLTANI, 2010), resultando em interpretação de dados e informações contextualizadas (DAVENPORT; PRUSAK, 1998; ALAVI; LEIDNER, 2001; SINGH; SOLTANI, 2010) capazes de reduzir a incerteza (CHILD; SHUMATE, 2007) e orientar a ação (POLANYI, 1983; DAVENPORT; PRUSAK, 1998; WIIG, 1999; BECKMAN, 1999; DIXON, 2000; TSOUKAS, 2000; TSOUKAS; VLADIMIROU, 2001; ALAVI; LEIDNER, 2001; PROBST, RAUB; ROMHARDT, 2002; KROGH; ICHIJO; NONAKA; KROGH; VOELPEL, 2006; CHEN; CHEN, 2006; SVEIBY, 2007; CHILD; SHUMATE, 2007; JASIMUDDIN; ZHANG, 2009; SINGH; SOLTANI, 2010). A partir dessa reflexão elaborou-se um conceito que consolida a essência dos conceitos encontrados na literatura, este novo conceito abrange quatro categorias de análise: “conteúdo substantivo”, “*locus*”, “natureza” e “função”, assim: conhecimento consiste em um processo de cognição social, cujo *locus* é o indivíduo, possui natureza dinâmica, evolutiva e subjetiva, tem como função avaliar e incorporar novas experiências e informações, resultando interpretação de dados e informações contextualizadas capazes de reduzir a incerteza e orientar a ação. Essa consolidação dos conceitos de conhecimento contribui para melhor entendimento da forma como atitude pode impactar no compartilhamento conhecimento.

Interessante destacar que compartilhamento do conhecimento individual é imprescindível para a geração, disseminação e gestão do conhecimento (IPE, 2003). Após levantamento da literatura sobre esse tema, percebeu-se que os termos compartilhamento do conhecimento e transferência do conhecimento são utilizados em muitos casos com o mesmo significado, isto é, autores utilizam esses termos de forma intercambiável. Em recente estudo, Tangajara et al. (2016) desenvolveram detalhada e esclarecedora diferenciação entre os termos compartilhamento de conhecimento e transferência de conhecimento. Por meio de extensa revisão da literatura, os autores reconheceram que os termos foram usados indistintamente por vários pesquisadores de Gestão do Conhecimento e supõem que isso ocorreu devido a falta de clareza dos conceitos. Afirmam que tais

confusões nesse campo de pesquisa tem sido problemáticas porque podem levar a conclusões enganosas, criando confusões cumulativas de conceitos. Portanto, entende-se que transferência e compartilhamento do conhecimento não devem ser entendidos de forma intercambiável. Nesta pesquisa, alinha-se com o conceito de compartilhamento do conhecimento proposto por Ipe (2003), que pressupõe a não obrigatoriedade do indivíduo de compartilhar o conhecimento, trata-se de uma ação voluntária. Aponta para a necessidade de identificar fatores que possam influenciar no compartilhamento do conhecimento. Anand e Walsh (2016) destacam que, apesar de muitas iniciativas para expandir a eficácia para incentivar o compartilhamento do conhecimento é raro ver exemplos de pessoas generosas o suficiente para compartilhar conhecimento, a menos que recebam algo em troca.

Os estudos sobre transferência e compartilhamento de conhecimento têm sido direcionados para a gestão do conhecimento, e, dessa forma, são tratados não só fatores individuais, como também organizacionais. Diante disso, procurou-se identificar dentre os fatores apontados pelos autores, aqueles que dizem respeito ao indivíduo, foco desta pesquisa. Como resultado identificou-se que vários são os fatores que podem influenciar no compartilhamento do conhecimento, contudo, observou-se que alguns têm sido encontrados com maior frequência, por exemplo: confiança mútua, esse fator foi citado por quase 60% dos autores estudados, são eles: Nelson e Coopriider (1996); Szulanski (1996); Davenport e Prusak (1998); Ipê (2003); Al-Alawi et al. (2007) ; Pantjaitan e Noorderhaven (2009); Oddou et al. (2009); Lin, Lee e Wang (2009); Suh e Shin (2010); Salim, Javed, Sharif e Riaz (2011); Cho et al. (2007); Probst et al. (2002); Sveiby (2007) e Huang, Davison e Gu (2008).

Um fato que chama a atenção é que segundo Adams, Highhouse e Zickar (2010) confiança é definida pela abordagem psicológica clássica como atitude que molda as expectativas sobre o comportamento humano. Nota-se que a variável “atitude” faz parte dos modelos encontrados na literatura utilizados para predizerem comportamento humano: Teoria da Ação Racional - TAR, Teoria do Comportamento Planejado-TCP e Teoria da Autorregulação-TA. Nessa última, foi desenvolvido o Modelo do Comportamento Orientado por Meta (MGB) de Perugini e Bagozzi (2001). Nota-se que estudos com tema “confiança” vêm despertando interesse da academia, por exemplo: Rêgo, Filho Joaquim e Lima (2013) realizaram um estudo com o objetivo de verificar como a confiança organizacional impacta o compartilhamento e o uso do conhecimento tácito, com o propósito de melhor entender o processo de transferência do conhecimento no contexto de ambiente organizacional. O estudo foi realizado com 655 militares, alunos das escolas de oficiais de carreira da linha bélica do Exército Brasileiro. Os autores concluíram que a intensidade da confiança organizacional, definida com base na capacidade,

benevolência e integridade dos indivíduos, impacta significativamente o desejo de usar e compartilhar o conhecimento tácito.

Diante do exposto, considerando que segundo Adams, Highhouse e Zickar (2010), confiança é considerada como atitude que molda as expectativas sobre o comportamento humano. Pode-se dizer que atitudes influenciam o comportamento de compartilhar o conhecimento. De acordo com Ajzen (1988), atitudes tem como função prever o comportamento humano, para o autor, o principal preditor (AJZEN, 1988).

Atitude: conceitos e componentes

Atitude tem sido o foco de atenção para explicar o Comportamento Humano (AJZEN, 1988, p.1). O autor define atitude como uma predisposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente a um objeto, pessoa, instituição ou evento. Outro autor clássico nos estudos sobre atitudes é Gordon Allport, que define atitudes como: “um estado mental e neural de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a reação do indivíduo a todos os objetos e situações com que se relaciona” (ALLPORT, 1935, apud FREEDMAN et al., 1970, p. 248). Nessa mesma linha, Rokeach (1973) entende que atitude é uma organização de crenças, relativamente duradoura, em torno de um objeto ou situação que predispõe que se responda de alguma forma preferencial. Thurstone (1928) ao anunciar o fato de que atitudes podem ser mensuradas, definiu em seu trabalho que atitudes é a soma total dos sentimentos e inclinações do homem, preconceitos ou parcialidades, noções preconcebidas, ideias, medos, ameaças e convicções sobre algum tópico específico. Assim, atitude de um homem sobre o pacifismo significa tudo o que ele sente e pensa sobre paz e guerra. Para Katz (1960), atitude é a pré-disposição do indivíduo para avaliar algum símbolo ou objeto de forma positiva ou negativa. Para Ramos (2000), atitudes é uma avaliação que afeta a esfera do pensamento e dos sentimentos e determina o comportamento de uma pessoa. Na definição apresentada por Ros (2006) “atitudes são orientações avaliativas sobre um objeto, seja ele físico ou social” (ROS, 2006, p. 88).

Modelos de atitudes utilizados para preverem comportamento humano

Observa-se que alguns modelos foram criados para prever comportamento humano. De acordo com Fishbein e Ajzen (1975), a Teoria da Ação Racional - TAR postula que a intenção das pessoas para realizar ou não um comportamento é determinante imediato para a ação. Assim, de acordo com essa teoria, a intenção está em função de dois determinantes básicos, um de natureza pessoal e outro refletido na natureza social. O fator pessoal é a atitude em direção ao comportamento individual. De acordo com Fishbein e Ajzen (1975), a atitude em direção a um

comportamento é determinada pelas crenças e cada crença comportamental relaciona o comportamento a um determinado resultado. Com o objetivo de complementar a Teoria da Ação Racional - TAR, Ajzen (1988) propôs a Teoria do Comportamento Planejado - TCP. De acordo com a TCP, a intenção comportamental pode ser mais bem interpretada como uma intenção para tentar realizar um determinado comportamento. Essa teoria postula três em vez de dois determinantes da intenção. Os dois primeiros são a atitude em direção ao comportamento e à norma subjetiva, e o terceiro e novo antecedente da intenção é o grau do controle do comportamento percebido, definido como o quanto se torna fácil ou difícil para a pessoa praticar uma ação. Esse pensamento está relacionado com o conceito de autoeficácia de Bandura (1982). De acordo com esse autor, as percepções da autoeficácia afetam as reações emocionais bem como o comportamento, principalmente nas reações de ansiedade e estresse.

Para Bagozzi (1992), atitudes, como concebidas nos modelos TAR e TCP, constituem apreciações avaliativas de uma ação e, para o autor, isso não é suficiente; para que haja a intenção, é necessário que essas avaliações sejam acompanhadas por um desejo de agir. Ao analisar essas teorias, o autor fala da omissão de algumas variáveis, mas destaca que a principal variável omitida é desejo, o que remete à conação, uma variável baseada na motivação que leva à intenção. Assim, o autor propõe a Teoria da Autorregulação - TA com o acréscimo do fator motivação da intenção (desejo), o qual exerce influência direta sobre a intenção. O desejo aumentaria a frequência de realização de um comportamento e a percepção de pressão social para que ele se repita. Perugini e Bagozzi (2001) apresentaram o Modelo do Comportamento Orientado por Meta (MGB) utilizando as mesmas variáveis da TCP e acrescentando outras, conforme sugerido por Bagozzi (1992). Interessante notar que a variável atitude é a base dos modelos para prever comportamento humano.

Estudos confirmam a importância das atitudes no comportamento de compartilhar conhecimento. Em pesquisa, Serenko e Bontis (2016) com o objetivo de investigar o impacto de modelos de troca: negociados, recíprocos, generalizados e produtivos - no compartilhamento do conhecimento entre funcionários, realizaram um estudo com base na teoria de afeto da troca social com 691 funcionários de 15 cooperativas de crédito norte-americanas. Os autores identificaram que atitude em relação ao compartilhamento do conhecimento tem efeito positivo nas intenções de compartilhar conhecimento tácito.

3 | METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quantitativa. Para desenvolver os itens do referido instrumento, utilizou-se uma pesquisa prévia de natureza qualitativa, especificamente, entrevista em profundidade. De acordo com Hair Junior et al. (2005), os dados qualitativos representam descrições de coisas onde não há a atribuição direta de números. Os entrevistados são livres para responderem com suas próprias palavras, colocam também que as informações sobre determinado tema, contidas em dados qualitativos, exigem interpretação por parte do pesquisador.

Com o objetivo de se conhecer melhor o tema, elaborou-se inicialmente um estudo exploratório de natureza qualitativa. De acordo com Malhotra (2001), a etapa exploratória, permite aumentar o conhecimento sobre o tema pesquisado e caracteriza-se pela flexibilidade e versatilidade com respeito aos métodos. A técnica utilizada neste estudo foi a entrevista semi-estruturada com professores doutores pesquisadores. Segundo Hair Junior et al. (2005), essa abordagem pode resultar no surgimento de informações inesperadas e esclarecedoras, melhorando assim as descobertas. As entrevistas ocorreram durante a segunda quinzena de junho e primeira de julho de 2011. Todas as entrevistas foram gravadas, com a permissão dos respondentes, e posteriormente encaminhadas para transcrição.

A questão abordada na pesquisa qualitativa teve como objetivo obter dos entrevistados seus entendimentos do compartilhamento do conhecimento no âmbito da academia. A escolha dos entrevistados foi definida por conveniência e por julgamento, considerando a potencialidade de contribuições para o estudo. As entrevistas foram realizadas com professores doutores pesquisadores de diferentes Instituições, regiões e formação. Com isso, obteve-se um total de 10 entrevistados, sete de Instituições Públicas (três da região Norte, quatro da região Centro-Oeste), e três de Instituição Privada (confessional) da região Sudeste. No caso da área de conhecimento, foram contempladas: Ciências Sociais, Humanas e Engenharia.

A análise dos dados obtidos com as entrevistas foi realizada utilizando-se a técnica da análise de conteúdo categorial, tendo como unidade de análise as frases, respeitando os procedimentos sugeridos por Bardin (2002). Por meio da análise das respostas, procurou-se obter dos entrevistados seus entendimentos do compartilhamento do conhecimento no âmbito da academia, observou-se inicialmente que esse tipo de compartilhamento poderia ocorrer em três fases: compartilhamento durante a geração do conhecimento, compartilhamento de resultados parciais do que está sendo produzido e compartilhamento de resultados finais do que foi produzido. Com a análise de conteúdo categorial, tendo como unidade as frases, obtiveram-se inicialmente 23 frases com atitudes relacionadas

ao compartilhamento do conhecimento. As 23 frases foram agrupadas em cinco categorias e reescritas no formato de itens para a escala de “atitudes relacionadas ao compartilhamento do conhecimento”, os participantes da pesquisa foram solicitados a responderem em escala do tipo *likert* de seis graus, estendendo-se de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”.

Ressalta-se que antes de chegar aos 23 itens finais da escala, voltou-se a campo, especificamente na primeira semana de novembro de 2011, com o objetivo de realizar validação semântica dos itens extraídos das entrevistas. Os participantes entenderam que os itens eram compreensíveis. Posterior a essa etapa, partiu-se para pré-teste das escalas, e isso ocorreu na segunda quinzena de novembro de 2011. Destaca-se que, para evitar tendenciosidades, os itens da escala foram embaralhados com auxílio do software Excel da *Microsoft*, versão 2007. Nota-se que houve a preocupação em inserir no início do questionário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice “B”. Os questionários foram disponibilizados por meio de site especializado em pesquisa, o *link* de acesso foi encaminhado por carta eletrônica para 17 professores doutores pesquisadores de Instituições públicas e privadas. Não houve questionamento em relação aos itens do questionário e o mesmo foi respondido, em média, em 10 minutos. Para identificar os dados demográficos e funcionais dos respondentes foram acrescentados 9 itens.

Os questionários foram disponibilizados por meio de site especializado em pesquisa e o link de acesso foi encaminhado nominalmente, por meio de carta eletrônica para 4.255 professores pesquisadores cadastrados em programas de doutorado avaliados com conceito igual ou superior a 5, identificados no site de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. Essa escolha se deu em função do objetivo desta pesquisa, pois entende-se que um dos principais critérios de avaliação da CAPES é a produção científica. A coleta de dados aconteceu no período de novembro/2011 a fevereiro/2012 e contou com 409 questionários respondidos de forma completa. Quanto à adequação da quantidade de respondente para o propósito da pesquisa, observa-se que, de acordo com recomendações de Hair Junior et al. (2009), o tamanho da amostra deve ser maior ou igual a 100. Como regra geral, o mínimo é ter pelo menos cinco vezes mais observações do que o número de variáveis a serem analisadas, e o tamanho mais aceitável teria uma proporção de 10 para um. Diante disso, observa-se que essa pesquisa atende aos referidos critérios, tendo em vista que a escala possui 23 itens e a amostra final resultou em 409 respondentes.

A população foco da pesquisa foram professores pesquisadores atuantes em Universidades Públicas e Privadas, Institutos e Fundações no Brasil nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas, Ciências Humanas, Engenharias, Linguística, Letras e Arte,

e Multidisciplinar (Biotecnologia, Ensino, Materiais, Interdisciplinar), de programas de pós graduação com conceito igual ou superior a 5, conforme avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES.

Dessa amostra, foram coletadas informações relativas aos dados pessoais e funcionais. A média de idade dos participantes da pesquisa é de 48,49 anos, a maioria da amostra é composta por professores pesquisadores do sexo masculino (56%), da região Sudeste (60%), de Instituição Pública (74,3%), e que não ocupa função administrativa (61,6%). Em relação à escolaridade, 49,4% possuem doutorado, e apenas 9,8% estão na livre docência. Destaca-se que houve respondentes de todas as áreas de estudo colocadas no questionário, com maior participação da área de Ciências da Saúde (17,6%), e menor, das Engenharias (4,2%).

Para verificar a estrutura fatorial da escala, inicialmente procedeu-se à análise da fatorabilidade da matriz de correlações, que consiste em verificar se existem covariâncias entre as variáveis. Hair Junior et al. (2005) sugerem, nesse caso, entre outras, a análise do tamanho das correlações e o teste de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Foi realizado também o Teste de esfericidade de Bartlett.

Para extração e definição do número de fatores, utilizou-se inicialmente a análise dos componentes principais (PC), com rotação ortogonal e com base no procedimento varimax, análise dos eigenvalues (valor próprio), que consiste em abandonar os fatores que apresentem resultados menores que 1. Utilizou-se também a análise do *scree plot*, gráfico de distribuição dos valores próprios, útil para decidir o número de fatores importantes a serem retidos. Destaca-se que a estrutura da escala obtida por meio da análise dos componentes principais (PC), com rotação ortogonal e com base no procedimento varimax, foi testada e confirmada com a análise da fatoração dos eixos principais (PAF) com rotação oblíqua e com base no procedimento promax. Para o tratamento dos dados, foi utilizado o software SPSS versão 20.

Após análise fatorial exploratória (AFE), os dados foram submetidos à análise fatorial confirmatória (AFC). Com essa técnica, pode-se confirmar se os indicadores medem seus respectivos fatores e testar (confirmar) uma relação pré-estabelecida, (HAIR JUNIOR et al., 2009). Nesta análise observou-se, além dos índices de ajuste dos modelos, a validade de construto. De acordo com o autor uma das maiores vantagens da AFC é sua habilidade para avaliar a validade de construto de uma teoria de mensuração proposta. Hair Junior et al. (2009) conceitua a validade de construto como o grau em que um conjunto de itens medidos realmente reflete o construto latente teórico que aqueles itens devem medir. Para esse teste seguiu-se orientação de Hair et al. (2009), que considera: estimativas de cargas padronizadas $\geq 0,5$, variância média extraída $\geq 0,5$; validade discriminante (raiz quadrada das

variâncias médias extraídas superiores às correlações entre as variáveis latentes) e confiabilidade de construto $\geq 0,70$. Os testes dos modelos confirmatórios das estruturas fatoriais foram realizados com o auxílio do software SPSS AMOS, versão 20.

Para verificar o ajuste do modelo, foram observados os seguintes indicadores: a razão entre Qui-quadrado e os graus de liberdade χ^2/gf , aceitando-se índices abaixo de 5, medida usada em modelagem de equações estruturais para quantificar diferenças entre as matrizes de covariância observada e estimada; o índice *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) ou Raiz do Erro Quadrático Médio de Aproximação, o qual contém em sua fórmula parâmetros de correção para a complexidade do modelo, medida que tenta corrigir a tendência da estatística χ^2 a rejeitar modelos com amostras grandes ou grande número de variáveis observadas (índices inferiores a 0,10 são aceitáveis); Índice *Normed Fit Index* (NFI), Índice de Ajuste Normado, e *Comparative Fit Index* (CFI), Índice de Ajuste Comparativo, indicam a proporção de melhoria do ajuste do modelo especificado em relação a um modelo nulo. O CFI é uma versão melhorada do NFI. O primeiro está entre os índices mais usados. Os índices *Goodness-of-Fit Index* (GFI), Índice de Qualidade de Ajuste e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI) Índice Ajustado de qualidade de ajuste, são indicadores da variância explicada pelo modelo. O GFI equivale à correlação dos múltiplos quadrado, e o AGFI faz correção na correlação dos múltiplos quadrados ajustando o GFI por uma proporção entre os graus de liberdade usados em um modelo e o número total de graus de liberdade.

Observou-se também o Índice de *Tucker Lewis* (TLI), conceitualmente semelhante ao CFI, pois faz uma comparação matemática de um modelo teórico especificado com um modelo nulo. Esses índices variam de 0 (baixo ajuste) a 1 (ajuste perfeito), sendo recomendado valores superiores a 0,9 (BYRNE, 2009; THOMPSON, 2004) e considerados aceitáveis acima de 0,8, (ANDERSON; GERBING, 1984; COLE, 1987; MARSH; BALLA; MCDONALD, 1988).

4 | RESULTADOS E ANÁLISES

O primeiro passo para análise dos dados foi a limpeza do banco de dados e a verificação dos pressupostos de normalidade, casos omissos e casos extremos, por meio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 20. Só foram considerados nas análises os respondentes que concluíram todas as escalas.

Com o objetivo de identificar registros em que os respondentes não fizeram esforço de discriminação, procurou-se identificar casos em que uma mesma resposta foi utilizada em mais de 77% das questões. O *European Social Survey Education*

Net (2011) utiliza esse procedimento para identificar casos atípicos. Nenhum caso se enquadrou nesse critério.

Para identificar casos extremos univariados, em que os valores extremos de uma variável podem distorcer as análises, todas as variáveis foram transformadas em escores Z, onde os valores maiores que 3 ou menores que -3 foram considerados casos extremos (HAIR JUNIOR et al., 2009). Esse procedimento indicou que não existe nenhum caso de *outlier* univariado na amostra.

Com o objetivo de identificar casos extremos multivariados, utilizaram-se os critérios da distância *mahalanobis*, valor da *Leverage* e Distância *Cook*. O valor limite da *leverage* foi de 0,121. Após essas análises, 25 casos foram encontrados pelo critério *Mahalanobis* e *Leverage*, isto é, 6% da amostra. Na análise da distância *Cook*, nenhum caso obteve índice de influência acima de 1, sendo o maior caso encontrado 0,028. Todos os índices de influência foram abaixo de 1. Para identificar a normalidade das respostas, verificou-se a distribuição de cada uma das variáveis do questionário, encontrando-se valores adequados de assimetria e achatamento. Para isso, empregaram-se os critérios de Kline (1998), o qual admite que são considerados valores de assimetria aceitáveis, valores absolutos abaixo de 3 e, para a curtose, valores absolutos menores que 10. A escala proposta foi testada e validada seguindo os critérios aqui apresentados. Os resultados foram satisfatórios: confiabilidade de construto acima de 0,70, estimativas de cargas padronizadas acima de 0,53, e validade discriminante, raiz quadrada da variância média extraída de ACC= 0,67 e ARCG= 0,66, foram superiores à correlação entre as variáveis latentes. Com isso, pode-se dizer que os resultados dessa escala também apresentaram validade de construto, conforme se observa na Tabela 2 e 3.

Análise fatorial exploratória

Para verificar a estrutura fatorial da escala de atitudes relacionadas ao compartilhamento do conhecimento, inicialmente procedeu-se à análise da fatorabilidade da matriz de correlações, que consiste em verificar se existem covariâncias entre as variáveis.

Para extração e definição do número de fatores, utilizou-se inicialmente a análise dos componentes principais (PC), com rotação ortogonal e com base no procedimento varimax, análise dos *eigenvalues* (valor próprio) igual ou superior a 1. A primeira análise realizada com os 23 itens apresentou índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de 0,84, considerado por Hair Junior. et al. (2005) como um índice meritório de adequação da amostra, teste de esfericidade *Bartlett's* significativo a $p < 0,000$. Os resultados dessas análises indicaram soluções de 4 a 6 fatores. Inicialmente, procedeu-se à análise de adequação de cada item em seus respectivos fatores, utilizando-se para isso a base teórica deste estudo e a análise estatística

dos resultados. Após essa análise, quinze itens foram extraídos do estudo (itens 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 18, 20, 22 e 23), por não terem apresentado representatividade em seu fator extraído, além de sua apresentação ter sido de forma complexa com saturação em diversos fatores. Com a retirada desses itens, obtiveram-se dois fatores com variância total explicada (VTE) de 55,11%. Todos os itens aproveitados apresentaram cargas fatoriais superiores a 0,56. Destaca-se que a estrutura obtida por meio da análise dos componentes principais (PC), com rotação ortogonal e com base no procedimento varimax, foi testada e confirmada com a análise da fatoração dos eixos principais (PAF) com rotação oblíqua e com base no procedimento promax. A Tabela 1 apresenta a estrutura empírica da escala com dois fatores, as cargas fatoriais, as comunalidades (h^2) dos itens, o índice de consistência interna (Alpha de Cronbach), os *eigenvalues* (valor próprio) e o percentual de variância explicada de cada fator.

DESCRIÇÃO DOS ITENS	Fator 1 ACC	Fator 2 ARCG	h^2
ACC17 Acredito que o pesquisador compartilha o conhecimento após avaliar com quem vai compartilhar	0,81		0,69
ACC19 Acredito que compartilhamento do conhecimento na academia ocorre com pares mais próximos.	0,78		0,61
ACC11 Acredito que compartilhamento do conhecimento na academia ocorre em função da afinidade pessoal entre os pesquisadores.	0,69		0,49
ARCG1 Acredito que durante o processo de geração do conhecimento os pesquisadores devem guardar o conhecimento com eles.		0,78	0,62
ARCG8 Acredito que o pesquisador que compartilha o conhecimento durante o processo de sua geração corre o risco de perder o domínio sobre o mesmo.		0,73	0,63
ARCG21 Acredito que o pesquisador não deve sair dando ideias de pesquisas de graça.		0,70	0,53
ARCG10 Acredito ser preferível o pesquisador arrepender-se de compartilhar conhecimento, a deixar de compartilhá-lo.		-0,62	0,45
ARCG15 Acredito que certos conhecimentos não podem ser compartilhados antes do resultado final.		0,56	0,4
<i>eigenvalue</i> (Valor próprio)	2,92	1,48	
% de variância	36,61	18,5	
Alpha de Cronbach (α)	0,70	0,73	
Número de itens	3	5	

Tabela 1 - Análise Fatorial Exploratória da escala atitudes relacionadas ao compartilhamento do conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a Tabela 1, o Fator 1, ACC, é formado pelos itens 17, 19 e 11, totalizando três itens e foi denominado “Atitudes de compartilhar conhecimento com aquele em quem confia-ACC”. Esses itens expressam uma atitude negativa em relação ao compartilhamento do conhecimento que, nesse caso, ocorre, mas

baseado na confiança. O Fator 1 apresentou um índice de consistência interna, Alpha de Cronbach, igual a 0,70, e itens com cargas fatoriais variando entre 0,69 a 0,81.

O Fator 2, composto pelos itens 1, 8, 21, 10 e 15 (total de cinco itens), foi denominado “Atitudes de desfavorabilidade em relação ao compartilhamento do conhecimento durante a sua geração ARCG”. Observa-se que essa também é uma atitude de desfavorabilidade ao compartilhamento do conhecimento. Esse fator apresentou Alpha de Cronbach de 0,73 e itens com cargas fatoriais variando entre 0,56 a 0,78.

Validade Fatorial Confirmatória da Escala de Atitudes Relacionadas ao Compartilhamento do Conhecimento.

Finalizada a etapa exploratória, partiu-se para a confirmatória. Para a confecção do modelo, foram utilizados oito itens (variáveis observadas) e dois fatores (variáveis latentes) encontrados nas análises fatoriais exploratórias. Os oito itens foram agrupados nos seguintes fatores: Fator 1 ACC (atitudes de compartilhar conhecimento com aquele em quem confia) e Fator 2 ARCG (Atitudes de desfavorabilidade em relação ao compartilhamento do conhecimento durante a sua geração).

Destaca-se que após análises dos índices de modificação e covariância, o item ARCG10 foi retirado do modelo por não contribuir para o bom ajuste do modelo. Com isso, o modelo final ficou com 7 itens e apresentou indicadores de ajuste considerados excelentes. Os resultados dos parâmetros padronizados, correlações e indicadores de ajuste do modelo são demonstrados na Tabela 2.

DESCRIÇÃO DOS ITENS	Fator 1 ACC	Fator 2 ARCG
ACC17 Acredito que o pesquisador compartilha o conhecimento após avaliar com quem vai compartilhar.	0,82	
ACC19 Acredito que compartilhamento do conhecimento na academia ocorre com pares mais próximos.	0,62	
ACC11 Acredito que compartilhamento do conhecimento na academia ocorre em função da afinidade pessoal entre os pesquisadores.	0,53	
ARCG1 Acredito que durante o processo de geração do conhecimento os pesquisadores devem guardar o conhecimento com eles.		0,62
ARCG8 Acredito que o pesquisador que compartilha o conhecimento durante o processo de sua geração corre o risco de perder o domínio sobre o mesmo.		0,79
ARCG21 Acredito que o pesquisador não deve sair dando ideias de pesquisas de graça.		0,65
ARCG15 Acredito que certos conhecimentos não podem ser compartilhados antes do resultado final.		0,55
MÉDIA DOS FATORES	5,1	3,5

VARIÂNCIA EXTRAÍDA (VE)	0,45	0,43	
RAIZ QUADRADA DA VARIÂNCIA EXTRAÍDA	0,67	0,66	
INDICADORES DE AJUSTE DO MODELO			
μ (qui-quadrado)	14	TLI	0,99
Gl (graus de liberdade)	13	RMSEA	0,01
/gl	1,1		
CFI	0,99		
NFI	0,97		
GFI	0,99		

Tabela 2- Parâmetros Padronizados e Indicadores de Ajuste do Modelo.

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se pelas descrições dos itens da Tabela 2, que as duas atitudes são de desfavorabilidade ao compartilhamento do conhecimento, sendo uma condicionada à confiança, Fator 1 (ACC). Analisando-se as médias dos dois fatores, nota-se que a maior desfavorabilidade está no fator 1 (ACC), isto é, para que ocorra o compartilhamento do conhecimento é necessária a presença da confiança. A Figura 1 apresenta o modelo da AFC.

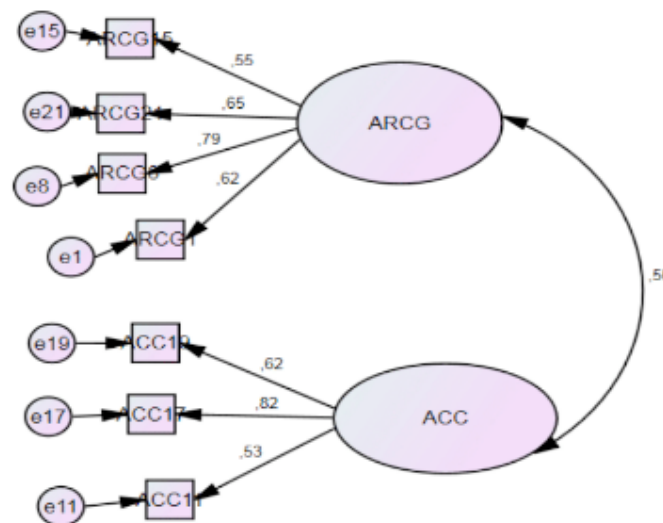


Figura 1 - Modelo da AFC da escala de atitudes relacionadas ao compartilhamento do conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se na Figura 1 e na Tabela 2 que os itens possuem cargas fatoriais no Fator 2 $\geq 0,55$, e, no Fator 1, cargas $\geq 0,53$.

A razão do Qui-quadrado pelo grau de liberdade é 1,1. Os valores de CFI 0,99; NFI 0,97, GFI 0,99, TLI 0,99 e o RMSEA de 0,01; esses resultados indicam que esse modelo tem um excelente ajuste (BYRNE, 2009; THOMPSON, 2004; HAIR JUNIOR et al., 2009).

Buscando-se averiguar a pertinência de cada parâmetro nas análises,

apresentam-se na Tabela 3 os valores dos parâmetros não padronizados e seus respectivos erros padrão (EP) e razão crítica (RC).

Fatores			Parâmetros não padronizados		
			Estimativa	EP	RC
ACC11	<---	F1	0,58	0,06	9,63
ACC17	<---	F1	1,05	0,07	14,62
ACC19	<---	F1	0,71	0,06	11,56
ARCG1	<---	F2	0,88	0,07	12,27
ARCG8	<---	F2	1,14	0,07	16,00
ARCG21	<---	F2	0,97	0,08	12,79
ARCG15	<---	F2	0,86	0,08	10,52

As setas (<---) indicam a direção do parâmetro estimado

Tabela 3- Parâmetros não padronizados da escala de atitudes relacionadas ao compartilhamento do conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme Tabela 3, todos os valores de razão crítica são superiores a 1,96, indicando que os parâmetros avaliados são significativamente diferentes de 0, ou seja, podem ser considerados úteis ao modelo.

Finalizada a Análise Fatorial Confirmatória da escala de atitudes relacionadas ao compartilhamento do conhecimento, obteve-se Variância Total Explicada (VTE) de 59,43%.

A confiabilidade dos construtos é apresentada na Tabela 4.

FATOR	CONFIABILIDADE DE CONSTRUTOS
Fator 1 ACC	0,71
Fator 2 ARCG	0,75

Tabela 4- Confiabilidade da escala Atitude em compartilhar conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a variância média extraída ficou um pouco abaixo de 0,5, nota-se que valores abaixo desse padrão são comuns (VIANA, 1999; SOUZA; LUCE, 2005). No entanto, os outros resultados foram satisfatórios: confiabilidade de construto acima de 0,70, estimativas de cargas padronizadas acima de 0,53, e validade discriminante, raiz quadrada da variância média extraída de ACC= 0,67 e ARCG= 0,66, foram superiores à correlação entre as variáveis latentes. Com isso, pode-se dizer que os resultados dessa escala apresentaram validade de construto. Esses resultados podem ser vistos nas Tabelas 2 e 4 e Figura 1.

Observa-se que na análise fatorial exploratória da escala de atitudes, surgiram dois tipos de atitudes: uma negativa com relação ao compartilhamento do conhecimento durante a geração (ARCG), e outra, parcialmente negativa, uma vez que depende da condição confiança (ACC).

Destaca-se que, conforme mencionado neste trabalho, confiança foi um dos fatores citados por quase 60% dos autores pesquisados (SZULANSKI, 1996; DAVENPORT; PRUSAK, 1998; IPE, 2003; AL-ALAWI et al. 2007; PANJAITAN-JANOWICZ; NOORDERHAVEN, 2009; ODDOU et al., 2009; LIN; LEE; WANG, 2009; SUH; SHIN, 2010), que influencia o compartilhamento do conhecimento e, de acordo com Adams, Highhouse e Zickar (2010), confiança é definida pela abordagem psicológica clássica como atitude que molda expectativas sobre o comportamento humano.

Interessante notar que as Universidades desempenham papel crítico no compartilhamento do conhecimento, apoiando inovações e aprendizagem, por meio de seus programas de ensino e formação em investigação. Assim, seria razoável esperar que as universidades adotassem uma abordagem pró-ativa para o desenvolvimento de estratégias para estimular o compartilhamento do conhecimento, no entanto, evidências obtidas, como os resultados desta pesquisa, sugerem que esse não é o caso, ou, pelo menos, as abordagens adotadas pelas universidades estejam sendo passivas, ou mesmo inconsistentes. Dessa forma, sugere-se que estratégias sejam adotadas como formas de incentivo e recompensa para que ocorra o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico. Conforme mencionado por Anand e Walsh (2016) é raro ver exemplos de pessoas generosas o suficiente para compartilhar conhecimento, a menos que recebam algo em troca.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo construir e validar uma escala de “Atitudes em relação ao compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico- EACC-ACAD”. Para o alcance do objetivo, adotou-se inicialmente estudo exploratório de natureza qualitativa. Destaca-se que essa etapa foi fundamental para melhor familiarização com o tema. A escala passou por análises fatoriais exploratória e confirmatória. O objetivo da pesquisa foi alcançado, uma vez que a escala foi construída e validada, os resultados forneceram evidências de ser a EACC-ACAD uma medida com dois fatores consistentes e precisos, podendo assim, ser utilizada como instrumento de pesquisa.

Além das implicações teóricas acima apontadas, esta pesquisa apresenta também implicações práticas. Uma delas diz respeito ao fortalecimento das relações

de confiança entre pesquisadores, visando estabelecer condições favoráveis ao compartilhamento do conhecimento na academia.

Estudos como esse apontam para a necessidade de reavaliação dos critérios de incentivo à pesquisa. Os sistemas de avaliação institucional, como o sistema *Qualis Capes*, por exemplo, poderia estimular o compartilhamento do conhecimento, mediante critérios de avaliação que contemplassem o compartilhamento do conhecimento. Outros critérios de incentivo a pesquisa também poderiam ser estabelecidos para facilitar o intercâmbio de pesquisadores entre Instituições. Destaca-se que o compartilhamento do conhecimento é uma condição necessária para a geração da pesquisa e para o desenvolvimento da sociedade.

Sugere-se que outras pesquisas sejam desenvolvidas no âmbito acadêmico com objetivo de identificar outras variáveis que possam influenciar no compartilhamento do conhecimento nesse ambiente.

Limitações da pesquisa: amostra não aleatória, não equivalente por área de conhecimento. Não foram contemplados professores pesquisadores de programas de doutorado com conceito inferior a 5, avaliados pela CAPES.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jason; HIGHHOUSE, Scott; ZICKAR, Michael J. Understanding General Distrust of Corporations. **Corporate Reputation Review**, v.13, n.1, p. 38–51, 2010.

AJZEN, I. **Attitudes, personality, and behavior**. Milton Keynes: Open University Press, 1988.

ALAVI, M.; LEIDNER, D. Review: knowledge Management and Knowledge Management Systems: conceptual foundations and research issues. **MIS Quarterly**, v. 25 n. 1, p. 107-136, Mar., 2001.

AL-ALAWI, Adel Ismail; AL-MARZOOQI, Nayla Yousif; MOHAMMED, Yasmeen Fraidon. Organizational culture and knowledge sharing: critical success factors. **Journal of knowledge management**, v.11, n.2, p. 22-42, 2007.

ALVESSON, Mats; KÄRREMAN, Dan.; SWAN, Jacky. Departures from Knowledge and/or management in knowledge management. **Management Communication Quarterly**, v. 16, n. 2, p. 281-292, nov., 2002.

_____, Mats. Knowledge work: Ambiguity, image and Identity. **Human Relations**, v.54, n.7, p. 863–886, 2001.

ANAND, Amitabh; WALSH, Isabelle. Should knowledge be shared generously? Tracing insights from past to present and describing a model; **Journal of Knowledge Management**, v. 20; Issue: 4; p.713-730, 2016.

ANDERSON, J.; GERBING, D. The effect of sampling error on convergence, improper solutions, and goodness-of-fit indices for maximum likelihood confirmatory factor analysis. **Psychometrika**, Richmond, v.49, p.155-73, 1984.

BAGOZZI, R.P. The Self-Regulation of Attitudes, Intentions, and Behavior. **Social Psychology Quarterly**, v. 55, n.2, p.178-204, 1992.

- BANDURA, Albert. Self-Efficacy Mechanism in Human Agency. **American Psychologist**, v. 37, n.2, 1982.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BECKMAN, T. The Current State of Knowledge Management. In: LIEBOWITZ, J. **Knowledge management handbook**. New York: CRC Press, 1999.
- BYRNE, B.M. **Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming**. UK: Psychology Press, 2009.
- CHEN, Mu-Yen; CHEN, An-Pin. Knowledge Management Performance Evaluation: a decade review from 1995 to 2004. **Journal of Information Science**, v. 32, n. 1, p. 17-38, 2006.
- CHILD, Jeffrey T.; SHUMATE, Michelle. The Impact of Communal Knowledge Repositories and People-Based Knowledge Management on Perceptions of Team Effectiveness. **Management Communication Quarterly**, v. 21, n.1, p.29-54, 2007.
- CHO, Namjae; ZHENG, Guo Li; SU, Che-Jen. An Empirical Study on the Effect of Individual Factors on Knowledge Sharing by Knowledge Type. **Journal Global Business and Technology**, v.3, n. 2, 2007.
- COLE, David A. Methodological Contributions to Clinical Research: Utility of Confirmatory Factor Analysis in Test Validation Research. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 55, n. 4, p. 584-594, 1987.
- DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DIXON, Nancy M. **Common knowledge: how companies thrive by sharing what they know**. [s.i.]: Harvard Business School Press, 2000.
- EVANS, James A. Industry collaboration, scientific sharing, and the dissemination of knowledge. **Social Studies of Science**, v.3, p.1-35, 2010.
- FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, Attitude, Intention, and Behavior: An Introduction to Theory and Research**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1975.
- FREEDMAN, J. L., CARLSMITH, J. M.; SEARS, D. O. **Psicologia social**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- HAIR JUNIOR, J. F; BABIN, Barry; MONEY, Arthur, A; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- _____, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise Multivariada de Dados**. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- HUANG, Qian; DAVISON, Robert, M.; GU, Jibão. Impact of personal and cultural factors on knowledge sharing in China. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 25, n.3, p. 451-471, 2008.
- HUNG, Richard, Y.; LIEN, Bella, Y.; FANG, S.; McLEAN, Gary. Knowledge as a Facilitator for Enhancing Innovation Performance Through Total Quality Management. **Total Quality Management & Business Excellence**, v.21, n.4, p. 425-438, abril 2010.
- IPE, Minu. Knowledge Sharing in Organizations: A Conceptual Framework. **Human Resource Development Review**, v.2, n. 4, 337-359, 2003.

JASIMUDDIN, S. M.; ZHANG, Z. The Symbiosis Mechanism for Effective Knowledge Transfer. **Journal of the Operational Research Society**, v. 60, p.706-716, 2009.

KATZ, Daniel. The Functional Approach to the Study of Attitudes. **Public Opinion Quarterly**, v.24, p.163-204, 1960.

LIN, Hsiu-Fen. Intrinsic Motivation on Employee Knowledge Sharing Intentions. **Journal of Information Science**, v.33, n.2, p. 135–149, 2007.

_____, Hsiu-Fen; LEE, Hsuan-Shih; WANG, Da, Wei. Evaluation of factors influencing knowledge sharing based on a fuzzy AHP approach. **Journal of Information Science**, v.35, n. 1, p. 25–44, 2009.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. 4.ed., Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARQUES, José Carlos; POPADIUK, Silvio; CARVALHO, Adriana dos Santos Caparróz; NEDER, Renato. A Transferência de Conhecimento Tácito em Instituições de Ensino Superior no Estado do Mato Grosso: um estudo de caso com gestores da área de ensino de administração. **Business and Management Review**. Special Issue v. 4, n. 8, march, 2015.

MARSH, H.; BALLA, J.; McDONALD, R. Goodness-of-fit indexes in confirmatory factor analysis: the effect of sample size. **Psychological Bulletin, Washington**, v.103, p.391-410, 1988.

NELSON, Kay, M.; COOPRIDER, Jay G. The Contribution of Shared Knowledge to IS Group Performance. [s.n.]: **MIS Quarterly**, 1996.

NONAKA, Ikujiro; KROGH, Georg, Von; VOELPEL, Sven. Organizational Knowledge Creation Theory: Evolutionary Paths and Future Advances. **Organization Studies**, v.27, n.8, p. 1179–1208, 2006.

ODDOU, Gary; OSLAND, Joyce S; BLAKENEY, Roger N, Repatriating knowledge: variables influencing the “transfer” process. **Journal of International Business Studies**, v.40, p.181-199, 2009.

PANJAITAN-JANOWICZ, Martyna; NOORDERHAVEN, Niels G. Trust, Calculation, and Interorganizational Learning of Tacit Knowledge: An Organizational Roles Perspective. **Organization Studies**, v.30, n.10, p.1021-1044, 2009.

PERUGINI, Marco; BAGOZZI, Richard P. The role of desires and anticipated emotions in goal-directed behaviours: broadening and deepening the theory of planned behaviour. **British Journal of Social Psychology**, v. 40, p. 79-98, 2001.

POLANYI, Michael. **The Tacit Dimension**. Gloucester, MASS: Peter Smith, 1983.

PROBST, Gilbert; RAUB, Steffen; ROMHARDT, Kai. **Gestão do Conhecimento**: os elementos construtivos do sucesso. Porto Alegre: Bookman, 2002.

RAMOS, Gerardo. **Conducta Interpersonal, ensayo de psicología social sistemática**. 5. ed. Salamanca: Universidad Pontificia, 2000.

RÊGO, Reinaldo Costa de Almeida; FILHO, Joaquim Rubens Fontes; LIMA, Diego de Faveri Pereira. Confiança Organizacional e Compartilhamento e Uso do Conhecimento Tácito. **RAE – Revista de Administração de Empresas**. v. 53, n. 5, p. 500-511, set-out, 2013.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: The Free Press, 1973.

ROS, M. Valores, atitudes e comportamentos: uma visita a um tema clássico. In: ROS,M; GOUVEIA,

V. **Psicologia social dos valores humanos**. São Paulo: SENAC, 2006.

SERENKO, Alexander; BONTIS, Nick. Negotiate, reciprocate, or cooperate? The impact of exchange modes on inter-employee knowledge sharing. **Journal of Knowledge Management**, v. 20 Issue: 4, p.687-712, 2016.

SINGH, Abhilasha; SOLTANI, Ebrahim. Knowledge Management Practices in Indian Information Technology Companies. **Total Quality Management**, v.21, n. 2, p.145-157, 2010.

SOUZA, Rosana Vieira; LUCE, Fernando Bins. Avaliação da Aplicabilidade do Technology Readiness Index (TRI) para a Adoção de Produtos e Serviços Baseados em Tecnologia. **Revista RAC**, v. 9, n. 3, p. 121-141, Jul./Set. 2005.

SUH, Ayoung; SHIN, Kyung-shik. Exploring the effects of online social ties on knowledge sharing: A comparative analysis of collocated vs dispersed teams. **Journal of Information Science**, v.36, n.4, p. 443-463, 2010.

SVEIBY, Karl Erik. Disabling the context for knowledge work: the role of managers' behaviours. **Management Decision**, v. 45, n. 10, p. 1636-1655, 2007.

SZULANSKI, Gabriel. Exploring internal stickiness: Impediments to the transfer of best practice within the firm. **Strategic Management Journal**, v.17, p. 27-43, 1996.

TANGARAJA, Gangeswari; RASDI, Roziah Mohd; SAMAH, Bahaman Abu; ISMAIL, Maimunah. Knowledge sharing is knowledge transfer: a misconception in the literature. **Journal of Knowledge Management**, v. 20 Issue: 4, p.653-670, 2016.

THOMPSON, Bruce. **Exploratory and Confirmatory Factor Analysis**: Understanding Concepts and Applications. Washington: American Psychological Association, 2004.

THURSTONE, L. L. Attitudes can be measured. **The American Journal of Sociology**, v. 33, n.4, 1928.

TSOUKAS, Haridimos. Knowledge as Action, Organizationa as Theory: reflections on organizational knowledge. **Emergence**, v.2, n. 4, p. 104-112, 2000.

_____, Haridimos; VLADIMIROU, Efi. What is Organizational Knowledge. **Journal of Management Studies**, v. 38, n.7, 2001.

TYWONIAK, Stephane A. Knowledge in Four Deformation Dimensions. **Organization**, v.14, n.1, p.53-76, 2007.

VIANA, D. A. **A proposição de um modelo sobre marketing de relacionamento no contexto business-to-business**: avaliação inicial da indústria metal mecânica do Rio Grande do Sul. 1999. 126f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

WIIG, K. Implementing Knowledge Management. In: LIEBOWITZ, J. **Knowledge management handbook**. New York: CRC Press, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ajuste de Avaliação Patrimonial 124, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 138, 139
Alfabetização financeira 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58
Análise Bibliométrica 346, 352, 355, 358
Análise dos Componentes Principais 259, 261, 262, 304, 319, 320
Análise fatorial confirmatória 259, 265, 323, 325, 326, 327, 342
Aprendizagem Gerencial 100, 103, 104, 106, 115, 119, 120

B

Biblioteconomia 271, 279, 288

C

Capacitação Gerencial 100, 102, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121
Capital intelectual 146, 153, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 216, 217, 268
Capitalismo 15, 17, 18, 21, 22, 32, 34, 35, 196
Compartilhamento do conhecimento 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267
Competencias 290, 292, 296, 299, 300, 301, 302, 303
Competências Gerenciais 100, 102, 103, 106, 108, 109, 113, 116, 118, 121, 123
Competitividade 3, 5, 68, 70, 72, 76, 77, 80, 84, 85, 193, 196, 197, 198, 200, 201
Comunicação mercadológica 193, 197, 198, 201, 202
Conhecimento 15, 16, 20, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 54, 59, 60, 62, 64, 65, 72, 80, 83, 84, 86, 97, 103, 104, 106, 109, 114, 115, 118, 119, 142, 144, 145, 146, 150, 152, 153, 183, 185, 204, 205, 206, 207, 209, 211, 212, 213, 217, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 272, 276, 291, 314, 323, 324, 326, 327, 328, 329, 333, 341, 342, 346, 352, 355, 364
Conservadorismo 184, 218, 223, 226, 227, 230, 232, 237, 338
Construção de teoria 323
Contabilidade 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 58, 176, 204, 206, 221, 225, 226, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 304, 306, 314, 319, 320, 324, 348
Cultura organizacional 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 106, 112, 113, 116, 194

D

Descontrole financeiro 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66
Desenvolvimento Gerencial 100, 111, 116, 117, 119
Dimensões de análise 177, 178, 188

E

Educação Corporativa 142, 143, 146, 147, 150, 152, 153

Efeito Heterogeneidade 155, 162, 169, 171, 172, 174, 175

Efeito Manada 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 176

Ensino 26, 27, 28, 35, 38, 57, 59, 63, 89, 90, 96, 97, 100, 106, 115, 121, 123, 142, 151, 259, 266, 269, 272, 274, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 305, 309, 310, 311, 321, 322, 324, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 367, 368, 369

Era Moderna 15, 18, 21

Escalas de mensuração 323, 324, 325, 327, 329, 332, 341

Estado 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 32, 35, 36, 37, 38, 46, 48, 52, 59, 88, 89, 101, 107, 163, 164, 198, 204, 255, 269, 273, 274, 279, 288, 295, 296, 302, 321, 330, 337

F

Fatores de Decisão 304, 306, 319, 320

Filtro de Kalman 155, 163, 164, 168, 171

Finanças 17, 37, 38, 42, 43, 44, 46, 53, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 128, 140, 155, 156, 176, 233, 234, 238, 306

G

Gestão 17, 19, 42, 45, 50, 52, 59, 68, 69, 70, 71, 72, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 142, 144, 145, 146, 150, 151, 153, 156, 160, 176, 178, 179, 181, 190, 193, 194, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 212, 213, 217, 220, 229, 230, 232, 234, 237, 252, 253, 254, 269, 273, 277, 279, 288, 291, 321, 342, 344, 347

Gestão estratégica de inovação 68

Globalização 2, 35, 85, 107, 193, 194, 195, 196, 200, 202, 203

Graduação 37, 39, 52, 59, 102, 110, 118, 140, 177, 204, 233, 234, 259, 272, 279, 281, 304, 305, 306, 309, 311, 312, 319, 320, 321, 324, 346, 358, 366, 367, 370

H

História 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 34, 37, 38, 115, 144, 151, 180, 194, 204, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369

I

Índice 4, 19, 77, 125, 126, 127, 128, 133, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 175, 196, 209, 210, 218, 220, 221, 231, 238, 243, 260, 261, 262, 263, 334

Innovación 290, 291, 292, 294, 295, 302, 303

Inovação tecnológica 68, 69, 71, 72, 74, 86

Instituições Federais de Ensino Superior 100

L

Liderança 68, 72, 82, 83, 84, 86, 106, 113, 114, 115, 142, 143, 147

M

Métodos quantitativos 63, 323

N

Negócios 16, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 35, 74, 76, 78, 79, 86, 122, 146, 187, 190, 193, 196, 197, 200, 201, 209, 213, 277, 288

P

P/B 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139

Perspectiva Neuro-IS 346, 349, 350, 352, 354, 356

Pierre Bourdieu 239, 240, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249

Planejamento de Carreira 304, 305, 306, 309, 310, 311, 312, 314, 320, 321, 322

Price-to-book 124, 125

Processo decisório estratégico 177, 178, 184, 186, 188, 189

Provisões para Contingências 124, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139

Q

Qualidade da auditoria 218, 219, 220, 221, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 237

Qualidade da informação contábil 218, 220, 230, 232, 237

R

Responsabilidade Sócio Ambiental 143

Revista Brasileira de Ciências Sociais 239, 242

S

Sistema 15, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 30, 33, 35, 37, 83, 94, 105, 108, 128, 146, 165, 179, 180, 183, 185, 186, 187, 196, 197, 199, 205, 208, 209, 210, 213, 219, 267, 272, 274, 276, 279, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 342, 348, 349

Sistemas de Informação 22, 209, 213, 276, 346, 347, 349, 355

T

Teoria 37, 66, 70, 94, 122, 135, 139, 155, 156, 160, 175, 179, 180, 181, 192, 199, 224, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 252, 254, 255, 256, 259, 314, 315, 319, 320, 323, 324, 325, 326, 327, 329, 334, 335, 336, 337, 340, 341, 342

Terceira linguagem 193, 197, 198

Trabajo en Equipo 290, 293, 294, 295, 296, 297, 300, 301, 302

Transculturalidade 193, 202

U

Universidad 269, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 299, 300, 302, 303

V

Validação de escalas 323, 325, 328, 329, 337, 340, 341, 342

Variáveis demográficas 40

Variáveis socioeconômicas 39, 40, 41, 46, 51, 53

 **Atena**
Editora

2 0 2 0